

## TELECOTECOS DA VIDA: A INFLUÊNCIA AFRICANA NA MÚSICA BRASILEIRA

DANIEL ORTIZ DE ORTIZ<sup>1</sup>; RAFAEL SOARES VELLOSO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – ortiz.wifi@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – rafavelloso@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Nas rodas de choro e samba que animam as noites brasileiras, brota incessantemente uma questão intrigante: de onde provêm os elementos musicais que tão fortemente caracterizam esses gêneros e que têm raízes profundamente fincadas na herança africana? Essas discussões, além de alimentarem reflexões, também inflamam debates e, ocasionalmente, provocam calorosos embates. Seja nas rodas de samba ou choro, ou mesmo além delas, quando se discute música brasileira, é difícil não traçar conexões com as suas origens do outro lado do Atlântico

No presente trabalho procura-se fazer uma análise do telecoteco, essa frase musical muito característica presente no samba e no choro e traçar suas origens e a sua influência no gênero choro.

Utilizando como referências autores como Carlos Sandroni, Kazadi Wa Mukuna, Spirito Santo, Gerhard Kubick, Kofi Agawu e Oscar Bolão, assim como registros musicais, procuramos mostrar a origem do telecoteco e como essa célula musical é uma presença de DNA africano, da região central da África, presente em nossa cultura, assim como outros aspectos e traços da cultura Bantu.

### 2. METODOLOGIA

O método de pesquisa se baseou em construção de referencial com autores referência na área como Kazadi Wa Mukuna, Kofi Agawa, Carlos Sandroni entre outros. Após a construção do referencial teórico buscou-se, através da análise de alguns choros e de algumas músicas africanas que afirmam que a presença da célula musical do telecoteco é, de fato, uma raiz musical africana, um traço de DNA que, assim como diz Gerhard Kubick(1979), tem função diagnóstica, ou seja, sempre que é presente e reconhecida ao redor do mundo, em diferentes culturas, significa que é um traço dessa herança africana.

Também buscou-se dados históricos da relação entre a quantidade de portugueses e africanos que aqui desembarcaram ao longo de quatro séculos e a relação dessa influência em diversos aspectos da nossa cultura, atestando que a influência africana se deu em escala muito maior e que essa influência está enraizada em nossa cultura, seja na música, na gastronomia, na língua.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma verdade incontestável é que a história do Brasil se entrelaça com a de Angola, de tal forma que podemos afirmar que o Brasil possui seu corpo na

América e a alma na África. O triste capítulo da escravidão testemunha que, durante mais de três séculos, aproximadamente 4,8 milhões de africanos foram trazidos ao Brasil como escravos em mais de 9 mil viagens transatlânticas, com um trágico saldo de 670 mil vidas perdidas durante a travessia. Em comparação, o número de portugueses que chegaram ao Brasil era cerca de sete vezes menor até o século XIX. Esses dados são cruciais para compreender a formação da cultura brasileira.

Desta maneira, não surpreende que diversas características da música brasileira tenham raízes em aspectos milenares da música africana. É inegável que a influência africana moldou o vocabulário da língua portuguesa no Brasil, incorporando palavras como "samba," "bataque," "zabumba," "mingau," entre outras. Essas palavras não apenas enriquecem nosso léxico, mas também refletem a rica herança africana que permeia o país, influenciando não só a língua, mas também tradições e costumes.

No âmbito da música brasileira, especialmente nos gêneros do choro e do samba, um dos elementos mais emblemáticos e distintivos é o famoso "telecoteco". Trata-se de uma frase musical que serve como uma espécie de marca registrada da música brasileira, presente desde suas bases primordiais. O "telecoteco" é, ao mesmo tempo, inconfundivelmente brasileiro e profundamente africano.

Pode-se afirmar, com segurança, que quase todos reconhecem essa frase musical e provavelmente já a executaram de alguma forma em um tamborim, em um copo de cerveja em uma mesa de bar ou durante um churrasco entre amigos, em meio a uma roda de samba.

O que raramente se discute é que essa frase, nosso querido "telecoteco," é uma célula musical de origem africana, com milênios de história, carregando consigo um vasto conhecimento tradicional e social. Essa pequena célula é uma herança musical que veio do outro lado do Atlântico e que exerce uma profunda influência sobre a música brasileira, funcionando como uma espécie de DNA musical africano, profundamente enraizado em nossa música.

Essa célula musical está presente e organiza diversas composições no universo do choro, servindo como uma linha-guia a ser seguida por músicos e instrumentos. Em algumas composições, a caixeta ou o tamborim executam a frase de forma literal, enquanto em outras, o "telecoteco" influencia a forma como violão, cavaquinho e pandeiro são tocados, bem como as interações entre esses instrumentos.

Essa influência também se estende a outras partes do mundo, onde a mesma célula musical é reconhecida como uma característica central da música africana. Essa conexão remonta à região centro-africana e se mantém viva na música urbana do sudeste brasileiro, em especial no choro e no samba. Não é coincidência que essa frase centro-africana seja parte integrante do DNA desses gêneros musicais brasileiros, considerando que a maioria dos africanos que chegaram ao Brasil nos portos do sudeste provinha da África Central.

A preocupação nesta parte do resumo deve ser a de expor o que já foi feito até o momento, quais os resultados encontrados e o estado em que se encontra o trabalho. Esta parte serve também para que o autor evidencie o desenvolvimento do trabalho, ou seja, a análise do trabalho de campo e do objeto de estudo propriamente dito.

Se forem usadas tabelas e figuras, seus títulos deverão ser centralizados, com as letras iniciais maiúsculas e fonte Arial, corpo 12.

#### 4. CONCLUSÕES

A presença do "telecoteco" em diferentes posições e acentuações cria variações e estilos distintos na música brasileira. No universo do choro, por exemplo, a linha-guia pode começar no primeiro tempo do compasso, enquanto no samba, muitas vezes inicia em pontos diferentes, resultando em variações rítmicas e estilísticas.

Perceber essas diferentes formas de interpretação é enriquecedor, mas é fundamental lembrar que essa abordagem de escuta comparativa está associada a práticas coloniais e imperialistas europeias, que levaram não apenas riquezas materiais, mas também instrumentos musicais, teorias musicais e músicos. A invenção do gravador permitiu que pesquisadores registrassem e preservassem culturas que estavam sendo destruídas pelo processo de colonização. As gravações etnográficas forneceram uma janela para as tradições musicais de diferentes regiões, lançando luz sobre suas influências não apenas na música brasileira mas, também, do mundo.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAWU, Kofi. Structural analysis or cultural analysis? Competing perspectives on the "standard pattern" of West African rhythm. **Journal of the American Musicological Society**, v. 59, n. 1, p. 1-46, 2006.

BOLÃO, Oscar. **Batuque é um privilégio**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2003.

KUBIK, Gerhard. Angolan traits in black music, games and dances of Brazil. A study of African cultural extensions overseas. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1979. (**Coleção Estudos de Antropologia Cultural, 10**).

LACERDA, Marcos Branda. Transformação dos processos rítmicos de offbeat timing e cross rhythm em dois gêneros musicais tradicionais do Brasil. **Opus**, v.

11, 2005, p. 208-220.

MUKUNA, K. wa. **O contato musical transatlântico: contribuição bantu na música popular brasileira.** *África, [S. l.]*, n. 1, p. 97-101, 1978. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/africa/article/view/90761>. Acesso em: 22 set. 2023.

SANDRONI, Carlos. **Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917-1933).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

SPIRITO SANTO. **Do samba ao funk do Jorjão.** Petrópolis, KBR, 2011.